

Já que é para tombar, tombei: campanha pede reconhecimento do túmulo e da memória de Madame Satã como patrimônio material e imaterial da cultura brasileira

Proposta será apresentada durante a Conferência Regional dos Direitos da População LGBTI+ em Angra dos Reis, no próximo dia 28

“Madame Satã não foi personagem. Foi realidade crua e brilhante.”

Negro, gay, ex-presidiário e, acima de tudo, lenda, João Francisco dos Santos, a Madame Satã, desafiou os limites da exclusão social com coragem e talento. Tornou-se um ícone da resistência, enfrentando racismo, LGBTIfobia, cárcere e marginalização com a mesma intensidade com que dominava os palcos da Lapa. É diante desse histórico basicamente “heróico”, que surgiu a proposta de tombamento do túmulo de Madame Satã.

No decorrer de uma longa pesquisa por novos atrativos e histórias locais de Angra dos Reis, Baltazar de Almeida, estudante de turismo e pesquisador dos segmentos turísticos LGBTI+ e Afroturismo, conheceu com um blog que contava a história de Madame Satã, falava de sua importância cultural, sua vivência em Angra dos Reis e a localização de seu túmulo. A partir dessa descoberta, ele se aprofundou ainda mais sobre a história de João Francisco / Madame Satã. Foi aí que Baltazar, negro e morador de comunidade em Angra dos Reis, iniciou um processo oficial para o tombamento do túmulo de Madame Satã, localizado na Vila do Abraão, em Ilha Grande (RJ).

A iniciativa surgiu durante uma pesquisa turística sobre personalidades locais e histórias invisibilizadas da região. “Saber que uma figura tão importante está enterrada ali, ao lado da casa de uma amiga caçara, me trouxe ainda mais vontade de proteger esse patrimônio”, conta o ativista, que já deu entrada no processo de tombamento em janeiro de 2025 (Processo nº 01450.000869/2025-85).

A ação denuncia a escassez de monumentos e homenagens voltados a personalidades LGBTI+ e negras no Brasil. “A história de Madame Satã muitas vezes foi contada por olhares brancos e cisgêneros, sem dar espaço para as camadas mais profundas de sua trajetória: a luta contra a escravidão, o racismo, a homofobia e o desejo de ser artista”, destaca.

Com apoio do Grupo Arco-Íris, a proposta também busca valorizar a importância cultural de Madame Satã para o samba, a capoeira, a arte e a cultura marginalizada do país. Seu túmulo guarda mais do que restos mortais: guarda a memória de uma luta que atravessou o século. Guardar sua lápide é preservar um capítulo inteiro da resistência brasileira, da cultura de rua e da arte popular. “O tombamento do túmulo é um ato de justiça histórica. É dizer que quem construiu a cidade com o corpo não será esquecido. É recusar o apagamento de uma vida que virou lenda. Quando o Estado nega memória, a gente ergue o patrimônio com a voz”, reflete Cláudio Nascimento, presidente do Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBTI+, que acrescenta: “Madame Satã tombou a repressão. Agora é a nossa vez de tombar seu nome como história viva”.

O projeto é mais do que um gesto simbólico — é um ato de reparação e reconhecimento do seu legado. “Resistir também é não ser esquecido”.